

Corrupção e compadrio no sector da Educação (1)

Os moçambicanos há muito que estão cansados de serem enganados pelos governantes. Estes excluem-se do seu papel de servidor público para aproveitarem-se dos seus cargos atribuídos não pela competência, nível de formação e capacidade de decisão, mas sim pelo grau de parentesco, tribalismo, regionalismo, compadrios, e até favores sexuais, para daí sugarem, usurparem e delapidarem o bem público e quiçá dividirem as mordomias. Sucessivos ministros da Educação comportaram-se como autênticos lacaios, marionetas ou até mesmo espantalhos para afugentar macacos nas machambas dos papás. Ontem, a Educação era uma arma para o povo alcançar o poder, hoje é uma forma de enganar o povo com currículos que deixam muito a desejar, só para pôr o ruminante a dormir enquanto seus filhos, afilhados, enteados e se encontram nas escolas americanas, francesas, portuguesas, suacas e outras de grande gabarito, somente porque os seus dirigentes são membros do partidão, mas de qualidade nada têm.

Nomeações estranhas de directoras de Educação

Virou moda na classe dos dirigentes da Educação nomear senhoras solteiras, divorciadas, viúvas para cargos de director provincial de Educação. Este mal está a ser extensivo às direcções distritais, escolas secundárias e primárias. Nomeia-se pessoas sem qualificação, sem o mínimo de experiência no sector de Educação, gente sem escrúpulos e com medo de pensar, com o subterfúgio de igualdade do género. Exemplos destes vivemos na província de Maputo, cuja antiga directora provincial de Educação não só delapidou os dinheiros do Estado como também destruiu a vida profissional de muitos professores, caracterizado por exonerações sem justa causa, perseguições pessoais aos professores atentos às manobras daquela incompetente e vingativa dirigente, esta que teve como prémio da incompetência a sua transferência imediata para o Ministério da Educação e Cultura, no sector de Recursos Humanos, onde provavelmente continua a prejudicar vários profissionais da Educação.

Antiga directora provincial de Nampula, Lina Portugal

Uma grande incompetente, racista e cínica. Acabou sendo transferida para a província da Zambézia. Que alívio para (os).as nampulenses! Escorraçar o Dr. Mário Viegas, um homem íntegro, competente e conhecedor da Educação, e colocar Lina Portugal no seu lugar só mesmo um ministro podre de cegueira, incompetente, separatista e tribalista do tamanho de Aires Ali, e igualmente para quem o nomeou.

Um caso mais caricato aconteceu na província de Cabo Delgado, onde uma jovem recém formada no ensino superior e sem ter dado uma única aula, muito menos ouvir falar da educação, foi nomeada como directora provincial de Educação naquela província. Como se não bastasse, quando esta pediu exoneração foi nomeada uma outra jovem recém formada que trabalhava como directora-adjunto pedagógica do curso nocturno na Escola Secundária Francisco Manyanga, também por ser amiga "pessoal" do actual director nacional dos Recursos Humanos que outrora fora director daquele estabelecimento de ensino.

Salientar que o mesmo ascendeu ao cargo de director nacional dos Recursos Humanos simplesmente por ter atribuído ao anfiteatro da Escola Secundária Francisco Manyanga o nome de Sala de Conferências Dr. Aires Ali. A mesma situação abrange infelizmente as províncias de Tete e Niassa. A questão que se nos coloca é a seguinte: será que nas referidas províncias não há pessoas idóneas, experientes e sérias capazes de dirigir a educação?

Dinis Mungoi e Samuel Mudumela: dois ambiciosos, traficantes, corruptos, vampiros e sanguessugas

Esta dupla de imprestáveis formou-se e consolidou-se na Escola Secundária Francisco Manyanga, quando os dois doutores eram professores naquele estabelecimento de ensino. À medida que iam ascendendo profissionalmente, também desenvolviam e alicerçavam os actos criminais baseados na venda de matrículas, na venda de guias para leccionar no curso nocturno, cobranças nas promoções e mudanças de categoria dos professores. Por ironia do destino, Samuel Mudumela à medida que ia subindo de categoria ia de igual modo puxando o seu acólito e comparsa Dinis Mungoi, situação que veio agudizar-se quando o primeiro foi nomeado Secretário Permanente do Governo da Cidade de Maputo e o segundo para Director da Educação da Cidade de Maputo.

Desta feita, os gringos controlavam todo o império da cidade. Anualmente cada escolá tinha que arranjar uma verba para que os seus directores garantissem a estadia no poder. Para infelicidade da cúpula e felicidade da maioria, e depois de várias denúncias, a dupla criminosa é neutralizada, enxovalhada e demitida das suas funções e consequentemente foi demolida toda a rede. A segunda questão é: que qualidade de ensino o ministério poderá obter com este bando de incompetentes, azarentos, traficantes corruptos, ambiciosos políticos, e a sua mediocridade científicas obtidas na Alemanha e na UP, respectivamente? Voltaremos nas próximas edições.

Billaly James Kurrumula

Editorial

Dhlakama, cheias e imigrantes ilegais

Estes são três assuntos candentes no mercado sócio-político nacional. Três momentos que abraçam a nação, distorcendo toda uma realidade de uma República que se pretende sã e ausente de descontinuidades, elementos estes que mais não fazem do que concorrer para que a democracia, o tecido social e a imagem no além fronteira sejam beliscados.

Afonso Macacho (não se esqueçam do h) Marceta Dhlakama, nome completo do líder da oposição e dirigente da Renamo, já não infunde respeito. Pelo contrário. Mete dó, quando pronunciado no sentido de alguém invocar o seu nome na tentativa de tecer considerações sobre os momentos e aspectos marcantes da transição democrática nacional. É só ver que o líder até já chegou a ser outorgado pai da democracia, uma democracia que ele próprio, derivado dos seus discursos inflamatórios, e à semelhança de Golias, quer a todo o custo matar. Quer dizer, a democracia em Moçambique é filha de um filantropo. Um Golias ou até mesmo um Hitler de quem se diz que as suas investidas violentas na oratória eram devidas a falta de um dos seus testículos, facto que concorria para os seus disparates na era do antanho. Pois é. DHL está falido politicamente. Já mais ninguém acredita no que diz e pensa. DHL como todos os maus políticos não sonha. Não tem ambição nem ambições. Fala dos outros. Faz publicidade e campanha dos seus adversários sem que disso se aperceba. O que é mau para o seu partido, que a cada dia que passa e com mensagens do género se vai atrofiando. Apesar de sabermos que na senda do líder existem muitos capangas (aliás, a edição presente é disso elucidativa) que a todo o custo tentam seguir as suas pegadas. Ou os seus voos. Rasantes, mas com direcção e destino incerto e tenebroso. São as perdzes famintas que seguem o líder...

Depois que voou de Maputo a Nampula, DHL eclipsou-se. Saiu do roteiro político saboreando outros prazeres que a mãe natureza oferece ao homem. Em terra de macuas. Há dias ensaiou um voo que terminou em Angoche. De lá para cá voltou a alcova. E diz agora que é o melhor político de que o país se pode orgulhar. Que anda a ser perseguido e que a Renamo anda a seu reboque. Claro que isto nem são asneiras por aí. Em Ciência política tudo é possível. Só que vomitado por DHL a coisa perde substância. Não nos perguntem porquê: anda por aí um líder falido...

Falemos agora das cheias. O fenómeno não é novo entre nós. É cíclico. Cheias isolam distritos e destroem infra-estruturas. Pelo menos três distritos de Moçambique estão isolados e dezenas de estradas intransitáveis nas províncias de Tete, Manica e Sofala, no centro do país, na sequência de chuvas intensas que têm estado a cair desde os princípios deste mês.

O Instituto Nacional de Gestão de Calamidades esfrega as mãos. Chegou uma vez mais o momento dos biscates. O tal momento espreperado para fazer mola. Doadores e Governo irão fazer rolar grana no sentido de reforçar as medidas de segurança das populações. Só que no final haverá histórias. Não da carochinha que são até lindas de ouvir contar. Estas serão estórias de gente que morreu porque não houve dinheiro para sustentar o socorro. Aonde andam os barcos do INGC? Haverá acções de vulto na coordenação e mobilização do exército? Sabemos também que há um fenómeno de resistência em abandonar as zonas de risco por parte da população, mas sejamos honestos. Se não houvesse cheias, o que faria então engordar os chefes das calamidades?

Por último, a imigração ilegal de estrangeiros. Dizem-nos que é este um negócio chorudo. Dizem que cada cabeça de um estrangeiro nos circuitos da máfia custa mil dólares. Muita fruta. O comandante da Polícia já admitiu que estas entradas de estrangeiros ilegais reforçam o cabritismo na sua corporação. Porque não faz sentido que estranhos sejam encontrados no bairro de Maxaquene. Como passaram nos fiscais da Migração e nos tantos outros bufos do Aeroporto? Quem os não viu? A não ser que estes estrangeiros na hora do desembarque sejam fantasmas e se transformam em humanos já fora da alçada policial. Alguém duvida? Conte-se o número de estrangeiros ilegais a operarem na nação. Um desastre...